

ENTRE TURISMO E PATRIMÔNIO: (RE)VISITANDO NARRATIVAS LOCAIS A PARTIR DO EVENTO “DIA DO PATRIMÔNIO” EM PELOTAS, RS

Louise Prado Alfonso*
Newan Acacio Oliveira de Souza**
Pedro Paulo Abreu Funari***

RESUMO

Este artigo procura discutir as aproximações entre turismo, patrimônio e o isolamento social, por meio de um estudo de caso acerca do evento “Dia do Patrimônio” na cidade Pelotas - RS. Para tanto, analisaremos a programação oficial do evento e os roteiros pela cidade que esta propõe, buscando desvelar escolhas, conflitos e negociações ao falarmos de patrimônio em Pelotas. Por fim, apresentaremos trajetos e roteiros propostos por uma exposição que tem como foco a valorização de grupos invisibilizados que, em suas narrativas, se contrapõem à história oficial única, branca, heterossexual, cisgênera, datada e classista reforçada pelo evento.

Palavras-chave: Patrimônio, turismo, narrativas, grupos invisibilizados, Pelotas – RS

ABSTRACT

The paper aims at discussing tourism, heritage and social distancing, through a study case: Heritage Day holiday at Pelotas, RS, Brazil. It studies the official schedule and city tours during the event, exploring what is chosen, conflicts and negotiation about heritage at Pelotas. It

* Docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia, do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). E-mail: louiseturismo@yahoo.com.br

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC); Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pesquisador colaborado do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos da Universidade Federal de Pelotas (GEEUR/UFPeL). E-mail: newansouza@outlook.com

*** Professor de Programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de São Paulo (USP), Distinguished Lecturer University of Stanford, Research Associate - Illinois State University. Doutor em Arqueologia pela USP. Livre-docente em História e Professor Titular na Unicamp. E-mail: ppfunari@uol.com.br

concludes by presenting proposed tours for an exhibition aiming at highlighting social groups rendered invisible. Their perspectives and stories challenge official historical narratives as shown in the event, particularly as they strengthen exclusion by being restricted to white, heterosexual, elite people, an outdated approach.

Keywords: Heritage, tourism, narratives, rendered invisible people, Pelotas – RS – Brazil

Introdução

A pandemia de Covid 19, em 2020, acarretou muitas consequências, algumas delas em direta relação com o Turismo, o Patrimônio e o ambiente. No geral, a impossibilidade de viagens e deslocamentos levou ao incremento exponencial de atividades virtuais, de visitas a museus a sítios históricos e arqueológicos. Em cidades como Veneza, na Itália, ou instituições como o Museu do Louvre, em Paris, a ausência de visitantes, primeiro, e o seu afluxo reduzido, em seguida, permitiu constatar como o Turismo de massa apresentava limitações e impactos negativos ao ambiente e à sociedade além de ganhos efêmeros e superficiais. A diminuição da atividade produziu efeitos ambientais positivos insuspeitados. Tudo isso tem sido discutido, com o questionamento cada vez mais consistente e generalizado do modo de vida baseado na destruição do ambiente e dos laços de solidariedade (BUTLER, 2020). Poderia haver um outro Turismo cultural e criativo?

Tratar das possibilidades de futuro requer o recuo ao passado e aos conceitos mesmos, a começar do Turismo. O conceito com o sentido atual surge apenas no século XVIII, na esteira do Iluminismo e demais características da modernidade, mas convém perscrutar seus sentidos. A raiz indo europeia *tere*, “fazer uma volta”, “rodar”, daí “perfurar” e mesmo “frequentar” aparece em grego, latim e em outras línguas, como em português em “torno” ou “retorno”, “tornar”, mas também na palavra atrito e, pelo grego, em trauma. A sequência de sentido seria fazer um movimento circular, um sulco, ir e vir, marcar. O sentido de frequentar envolve, portanto, ir, circular e interagir ali, e voltar, muito antes do surgimento moderno do Turismo, como mostra um trecho do poeta latino Marcial (38-104 d.C.): Marcial 2, 11, 2: *nubilauides, Rufe, quod ambulator porticumteritis eram* - Rufo, vê o senho nublado (de Sélio), que, perambulador, vaga pelo pórtico tardio. Ou: Você vê, Rufo, a preocupação dele estampada no rosto, ao perambular ao final do dia pela galeria.

Isso tudo para mostrar que o tour já envolvia, muito antes do Turismo, essa interação em outro lugar. O termo Grand Tour parece ter começado a ser usado no início do século XVII para descrever uma viagem e visita de caráter educacional ou cultural (CHANEY, 2000), em particular para o conhecimento dos clássicos, gregos e romanos (TOWNER, 1985). Essa atividade estava baseada na formação (*Bildung*, em alemão, *education*, em francês e inglês) pela frequentação da Península Itálica, seus monumentos, livros, cultura e costumes. Neste sentido, o que, depois, foi chamado de Turismo Cultural e Patrimonial, ou Turismo Criativo (RICHARDS, 2016; 2020) estava já *in nuce* no Grand Tour, ainda que como prática aristocrática. Os termos cultura, patrimônio e criatividade descrevem bem o conjunto de experiência de formação espiritual daqueles que faziam o Grand Tour, como parte da sua constituição (*Bildung*). O Grand Tour posterior, no contexto burguês e iluminista, concomitante à revolução industrial e à facilitação tecnológica das viagens em terra ou na água, viria a diversificar os destinos e os interesses, não mais restrito à Itália e à cultura greco-romana (POULOT, 2016).

O capitalismo burguês e de massa viria a afastar-se desse caráter formativo, educativo ou criativo, aristocrático e restrito a elites muito limitadas. As viagens voltaram-se, aos poucos, mas cada vez mais, a propósitos de diversão e entretenimento, como a praia, os resorts ou mesmo o *sightseen* e a visita corrida. Diversão significa virar (*uerto*) para o outro lado (*dis*), o que pode ser positivo, para conhecer o outro, ou apenas para o afastar-se do cotidiano de trabalho, como na maioria dos casos no capitalismo. Diversão aparece como sinônimo de tempo em que não se precisa trabalhar. Essas atividades alienantes, que afastam das sofridas condições de vida diária, encobriram, muitas vezes, o aprendizado com a interação com diferentes modos de vida, pensamento e cultura, tão importantes na *Bildung* do Grand Tour. Esse modelo de Turismo alienante e alienado enfrentou sempre contestações, tanto de movimentos sociais, como de reflexões críticas.

O Turismo, com o tempo, tem tido cada vez maior preocupação com a função social, ambiental e pessoal da atividade, a ponto de tais adjetivos serem de uso corrente e aplicados ao Turismo, cada um deles com diversas particularidades, como turismo ecológico, animalista, enocultural, comunitário, assistencial, humanitário, empoderador, anticolonial, feminista, LGBTQIA+, quilombola, indígena, entre muitos outros. Isto não significa que tais práticas não apresentem limitações, contradições ou inconveniências, mas mostram uma preocupação crítica tão importante, quanto

contracorrente. Num mundo dominado pelo simples viver o presente, como propôs Hartog (2003), o entretenimento e o passatempo adquirem sentido dispersivo, ante à ausência de valores perenes e duradouros. Passar o tempo é uma expressão muito reveladora dessa falta de objetivo ou futuro (BROWN, 2019). Já a formação (*Bildung*) e a criação referem-se ao passado, no presente, para forjar o futuro, para cada um e para todos.

A partir destes debates sobre o turismo que buscaremos, ao longo deste texto, discutir suas aproximações com patrimônio e o isolamento social, por meio de um estudo de caso acerca do evento intitulado “Dia do Patrimônio” na cidade Pelotas, Rio Grande do Sul. Para isso, analisaremos a programação oficial do evento e os roteiros pela cidade que esta propõe, buscando desvelar escolhas, disposições, conflitos e negociações ao falarmos de patrimônio em Pelotas. Foram selecionados, a partir das divulgações oficiais do “Dia do Patrimônio”, os endereços dos locais indicados para visitaçã durante o evento entre 2013 e 2019, da primeira edição à última edição realizadas presencialmente. Como material de análise, ainda problematizaremos aspectos importantes da edição do ano de 2020 em sua configuração digital, durante o isolamento social devido à Pandemia de COVID-19. Como parte desse processo, refletiremos também sobre trajetos e roteiros propostos por uma exposição que tem como foco a valorização de grupos invisibilizados na construção dessa história oficial única, branca, heterossexual, cisgênera, datada e classista, narrativa esta reafirmada pelo evento e muitas de suas atividades.

Cabe destacar que existe um *continuum* que entrelaça os discursos oficiais de Pelotas à construção de um imaginário turístico da cidade, a escolha das narrativas, as representações e a divulgação desta enquanto produto turístico estão pautadas nesta história oficial excludente e elitista. O evento, que como seu próprio material de divulgação reforça, é “o tradicional final de semana prolongado de maior celebração do nosso Patrimônio Cultural’ (REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO, 2019: 3) e busca valorizar e reforçar, anualmente, uma narrativa sobre os patrimônios e as pessoas “importantes para a cidade”.

Ao caminharmos por Pelotas ao logo do ano, inevitavelmente, nos deparamos com os roteiros e trajetos construídos e divulgados pelo evento, que valorizam o patrimônio edificado de famílias da elite Pelotense, o centro histórico e uma temporalidade específica da cidade. Mas também evidenciamos grupos que contribuem no contínuo processo de construção do urbano ao longo do tempo,

grupos que o habitam a cidade e que não são representados nestes discursos e não fazem parte desta imagem turística que se quer mostrar. É com alguns destes grupos que temos tentado dialogar em exposições, de forma a buscar contribuir com sua luta por visibilidade, reconhecimento e também sua inclusão, inclusive na possibilidade de conhecer e se reconhecer a cidade.

O que seria o “Dia do Patrimônio” pelotense?

O Dia do Patrimônio em Pelotas consiste em uma gama de atividades que envolvem oficinas, rodas de conversa, exposições, palestras, espetáculos e visitas que acontecem, em sua maioria, no final de semana próximo ao dia 17 de agosto, dia nacional do patrimônio histórico. De acordo com a Prefeitura Municipal, que encabeça sua organização a partir da Secretaria de Cultura (SECULT), essas ações têm o “objetivo de *valorizar Pelotas*, sua história e raízes”¹. A prefeitura atua como articuladora e divulgadora das atividades, já que a maioria das ações apresentadas no evento é proposta por diferentes agentes, dentre coletivos culturais, grupos e movimentos sociais, até por muitos projetos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), são estas instituições que “fazem” o evento acontecer.

O evento, de caráter anual, é realizado desde o ano de 2013. Em cada ano aborda um tema específico, se assemelhando ao dia do patrimônio uruguaio, evento que foi modelo e inspiração para as ações pelotenses (REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO, 2017). Os temas foram: no ano de 2013, sua primeira edição, questionou “O que é Patrimônio?”; em 2014 apresentou “A Herança Cultural Africana”; no ano de 2015 trouxe discussões sobre “Pelotas Natural: Patrimônio de Águas”; já em 2016, se debruçou na “Ocupação Feminina”; em 2017, em sua quinta edição com ares de comemoração, trouxe enquanto enfoque os “Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento”; no ano de 2018 a centralidade foi para a “Pelotas Imaterial: Saberes, Fazeres e Ofícios”; em sua sétima edição, trazendo alusões à sua quinta edição, trouxe como temática a “Etno Cidade Pelotas”. Estes temas guiam os materiais de divulgação e debates, porém, na prática, as atividades e discursos nem sempre dialogam com as temáticas do evento.

É importante ressaltar que o evento apresenta características,

¹ Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019>. Acesso em 05 de jan. 2021.

proposições e ações que permanecem ao longo de suas edições, estas que dão sentido à sua proposta, aos discursos apresentados e reafirmados sobre a cidade e suas pessoas, como a bandeiras sinalizadoras postas nas fachadas dos prédios, a distribuições de cartões postais temáticos e, também, da Revista do Dia do Patrimônio.

As bandeiras, identificando edificações tombadas, se dividem em três categorias: as verdes para tombamento federal, as vermelhas para tombamento estadual e as azuis para aquelas que são tombadas em esfera municipal. Ainda, as bandeiras na cor amarela identificam um local com alguma atividade que consta na programação².

Os cartões postais do Dia do Patrimônio são impressões realizada pela Prefeitura da cidade que apresentam fotografias, ilustrações e composições imagéticas de elementos culturais da cidade, suas temáticas se alinham à proposta da edição anual do evento. Seguindo os temas abordados há também a Revista do Dia do Patrimônio, publicação distribuída gratuitamente durante as atividades, que reúne textos que versam sobre Pelotas e seus referenciais patrimoniais. Os textos são escritos por pessoas convidadas pela SECULT, em especial aquelas que palestraram nas conversas sobre o patrimônio, evento que apresenta palestras semanais que antecedem o evento principal. Estes materiais contribuem, para entendermos os conceitos que embasam o evento e as relações propostas e perpetuadas por este ao longo de sua existência, como o conceito de Patrimônio que se pretende apresentar e como este se materializa, reforçando dicotomias como: materialidade e imaterialidade, cultura e natureza.

De acordo com alguns materiais oficiais, como as Revistas do Dia do Patrimônio (2017; 2018; 2019), o patrimônio cultural local é o ente que constrói a coletividade da cidade e é representado pelos “nossos talentos, nossas memórias, nossa diversidade étnica e cultural, nossas edificações, monumentos e áreas verdes, nossos sons, ritmos e movimentos, nossa inventividade.” (REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO, 2018: 3). Assim, o evento é visto e objetiva a mobilização acerca de importantes elementos culturais na construção da identidade local, descrita enquanto feita pela presença de diferentes etnias e grupos nesse território. Estes mesmos elementos, *escolhidos* pela história oficial, são acionados a partir de um discurso pautado na preservação patrimonial e nas tratativas oficiais a eles

² Dados disponíveis em <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019>. Acesso em: 05 jan. 2021.

ligados (como tombamentos em diferentes esferas), fazem parte do imaginário turístico “vendido” pela cidade.

Evidenciamos um evento que apresenta um discurso que menciona a pluralidade de grupos importantes para a construção da cidade de Pelotas ao longo do tempo, os temas possibilitaram que grupos diversos apresentassem atividades que dessem visibilidade às suas lutas e demandas, mesmo que de forma pontual, em anos específicos. Entretanto, é necessário pensar o evento a partir das regularidades, já que as atividades que tensionam a narrativa oficial se modificam a cada ano, de acordo com cada temática. São as permanências no evento que nos ajudam, como exercício, a entender a consolidação de uma narrativa histórica, identitária e turística que é (re)apresentada durante o evento, que é entendido, para utilizarmos a expressão divulgada em materiais oficiais, enquanto “importante atividade de educação patrimonial” (REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO, 2019: 3). Como permanências selecionamos os roteiros formados pelos locais de visitação e de realização de atividades apontados no material das diferentes edições do “Dia do Patrimônio”. A partir destes roteiros buscamos entender: O que são esses patrimônios e quem os protagoniza? “Afiml, quais lugares estão sendo valorizados? E quais narrativas e histórias sobre esses lugares não estão sendo contadas?” (BERGMANN, 2019: 76)

Passeando por Pelotas: Roteiros de visitação do Dia do Patrimônio

Antes de apresentarmos os locais e roteiros faz-se interessante trazermos aqui alguns debates que respaldam nossas reflexões. Para Alfonso (2012) a relação entre turismo e patrimônio por muito tempo foi considerada a partir de perspectivas reducionistas e essencialistas, já que se institui pela ideia da mercantilização da cultura e, por consequência, entende-se que há uma perda de autenticidade e significação cultural quando bens estão articulados ao turismo, pressupostos pautados em um olhar homogeneizante e romantizado do patrimônio, que desconsidera o dinamismo cultural. Para Silverman (2002 *apud* ALFONSO, 2012) este olhar vem se alterando e demonstrando que a ideia de cultura e da construção de identidades se dão pela fluidez, se constroem socialmente e podem ser negociadas (SALAZAR *apud* ALFONSO, 2012).

Ainda segundo Alfonso, nas últimas décadas o patrimônio passa a ser reconhecido enquanto um elemento de forte influência, como partícipe nos debates das sociedades do presente que se encontram em constante reavaliação do passado em um processo

autotransformação pela busca da autorrepresentação, favorecendo que grupos diversos possam “deliberadamente optar por sua própria reinvenção ao longo do tempo, mudando a maneira como são vistos e percebidos pelo “outro”. (2012: 56) A população local pode ser proativa e/ou impor resistência, ao negociar constantemente e questionar a seleção de bens patrimoniais e a forma como estes são apropriados enquanto atrativos turísticos. Faz-se importante assim, entender as formas como as culturas locais se transformam durante os processos dinâmicos de aproximação com o Turismo para redefinir suas próprias identidades (ALFONSO, 2012).

Para tanto, é crucial entendermos de qual turismo estamos falando. Certamente, a prefeitura municipal e outros incentivadores do turismo de Pelotas, como a Câmara de Dirigentes Lojistas, consideram o caráter economicista do turismo como ponto principal para sua implantação. Um turismo que visa a atração de visitantes de fora, de grandes públicos, motivado pelo acervo arquitetônico, pela história de um período “glorioso” relacionado à produção do Charque e dos doces de Pelotas. Mas o turismo poderia ser pensado de forma diferente? Como este poderia contribuir para as lutas dos grupos invisibilizados nas narrativas sobre Pelotas?

Cabe destacarmos então, que o conceito de turismo com o qual operamos, diferentemente dos articuladores do evento, é aquele que considera a própria população da cidade, suas demandas, as trocas de saberes entre bairros e comunidades, o reconhecimento destas na história local e na inserção de seus bens enquanto patrimônio da cidade, passíveis de visitação. Assim, consideramos que a atividade turística pode ser apropriada por comunidades que visam alcançar alguns privilégios culturais anteriormente indisponíveis a elas (CARMAN, KEITUMETSE, 2005apud ALFONSO, 2012).

Entendemos que cultura e identidade são construídas e negociadas nos contextos social e histórico na qual emergem e que o turismo nos ajuda a entender estes processos. A escolha dos patrimônios de um local, neste caso Pelotas, se deu ao longo do tempo a seleção de grupos, temporalidades, espacialidades e narrativas “representativas” de um ideal específico de cidade, Bergmann dirá, ao tratar sobre o material turístico de Pelotas, que a

própria maneira de representação das narrativas e imagens idealizadas e, por consequência, os próprios elementos tidos como prioridade nos roteiros, aqueles considerados como patrimônio, são históricos e, portanto, disputáveis social e historicamente, pendendo a representar grupos com maior estância de poder. (BERGMANN, 2019: 28)

O “Dia do Patrimônio”, trata-se de importante elemento de políticas públicas, uma ação voltada para a construção e validação de um processo discursivo que formula uma imagem de Pelotas, que é estimulada e divulgada com diferentes objetivos, inclusive para “venda” da cidade enquanto “produto turístico”. O evento se conecta ao turismo em processos de criação e recriação de representações (imagéticas, historiográficas, patrimoniais e tantas outras) sobre determinado local, o que se faz de extrema importância para tantos grupos em sua percepção na/da cidade. Estes grupos, são entendidos enquanto mais do que turistas e visitantes, mas também formados pelas pessoas que ali moram e que tem suas relações com estes lugares, com suas vidas e histórias influenciadas por tais narrativas (BERGMANN, 2019).

Os roteiros turísticos são partes importantes nesta validação e valorização de narrativas e patrimônios. Estes são definidos por Silva (2010) como

[...] itinerários de visitação organizados nos quais se encontram as informações detalhadas de uma programação de atividades turísticas, mediante um planejamento prévio. [...] os roteiros são importantes porque constituem uma das principais formas de contextualizar os atrativos existentes em uma localidade [...]. (200: 15-16)

A programação do evento apresenta um roteiro que corrobora com a construção de um fio narrativo sobre a história de Pelotas, contribuindo com uma narrativa oficial sobre a cidade. Pensamos esse “oficial” enquanto imerso no processo social de formação dessas identidades, que para Prats (1997) acontece de forma dinâmica e que demonstra apenas uma das versões desse constructo, ou seja, a cidade de Pelotas “imaginada” e transposta pelas narrativas oficiais de suas instâncias públicas e privadas (Prefeitura, secretarias, museus, atrativos turísticos e demais) que dão conta de uma versão escolhida, não de os presentes. É interessante entendermos como esse “oficial” se contrasta com as narrativas das margens, estas entendidas conforme propostas por Agier (2015) enquanto dialéticas e não opositoras. O olhar para as margens propulsiona visões múltiplas sobre a cidade, apontando novas narrativas e bens, mas também, outras percepções sobre os mesmos patrimônios valorizados oficialmente (SILVA NETO; RIETH; ALFONSO, 2019).

Dito isso, começamos a entender o roteiro oficial da cidade formado pelas regularidades evidenciadas nas diferentes edições do evento. Estas demonstram um discurso hegemônico no que concerne

ao “falar sobre patrimônio” em Pelotas. Cada edição do Dia do Patrimônio apresenta o Caderno sobre a temática que indica os locais (os endereços) e as atividades que irão compor o evento, conseqüentemente, guiam também a visita desses espaços, definem o que deve ser visitado. Ao analisarmos estes locais, foi perceptível na disposição geográfica desses endereços a evidência da presença de quase uma centena de diferentes localidades onde atividades acontecem, de áreas diversas da cidade, o que, a um primeiro olhar, demonstraria uma pluralidade de narrativas e representações sobre Pelotas e sua gente.

Entretanto, consideradas as sete edições presentes nesse exercício, muitos desses espaços aparecem em edições isoladas ou em menos de quatro edições. Sendo a maioria destes espaços pontuais situada fora do centro histórico de Pelotas. Essas fugas, inclusive geográficas, estão relacionadas a uma das características principais do evento: a proposição de atividades por grupos que se identificam com a temática do ano. Dependendo do tema se aglutinam atividades de pessoas e grupos que trazem uma perspectiva própria sobre o assunto, mas que não são constantes ao longo da história do evento, assim as localidades grupos participantes se modificam de edição em edição. Por isso as regularidades são importantes, pois estas permanecem de edição em edição, são reforçadas ano a ano.

Para este artigo, foram selecionados os locais que, durante a temporalidade da amostra, aparecessem na programação oficial do evento quatro ou mais vezes. Obtivemos o total de 21 (vinte e um) espaços. Sendo estes: o Casarão 2 (atual sede da Secretaria de Cultural de Pelotas, foi construído anteriormente a 1830 e remodelado para estilo eclético por volta de 1880); o Casarão 6 (construído em 1879, eleito para sediar o Museu da Cidade de Pelotas, ainda não implantado,); Memorial do Theatro 7 de Abril; a Bibliotheca Pública Pelotense (Construída em 1878, com acréscimo do segundo piso entre 1911 e 1913); Conservatório de Música da UFPel (construído entre 1832 e 1835); Prefeitura Municipal de Pelotas (construída entre 1878 e 1881); Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG (apresentou dois endereços durante o período de análise, próximos geograficamente, ambos em casarões históricos); Catedral Metropolitana de São Francisco de Paula (construída em estilo colonial em 1813 e remodelada entre 1947 e 1948); Theatro Guarany (datado de 1920 a 1923); Estação Ferroviária de Pelotas (construída entre 1884, durante os primeiros anos do evento encontrava-se fechada para restauro); Instituto Simões Lopes Neto (prédio construído em 1871 e sede da instituição desde 1999); Museu Parque

da Baronesa (construído em 1863, ficou conhecido como o Solar da Baronesa); Memorial da Associação Comercial de Pelotas; SEBRAE (Sobrado da Família Moreira Ribas); Jockey Club de Pelotas – Spazio Auguri (Casarão construído em 1830 que, em 1948 tornou-se sede do Jockey Club de Pelotas); Mercado Central de Pelotas (construção datada do final dos anos 1840, com remodelação entre 1911 e 1914 e revitalizado em 2012); Clube Caixeiral (projetado em 1902 e considerado um “marco da arquitetura eclética pelotense”³); Clube Cultural Fica Ahí (sede do clube que foi fundada em 1954); Praça Coronel Pedro Osório (praça principal do centro histórico de Pelotas, em 1873 ocorreu a instalação da Fonte das Nereidas); Quartel Legalista – Antiga Casa da Banha (serviu de quartel para tropas legalistas durante a Revolução Farroupilha e, na década de 1860, foi sede de um açougue); Esplanada do Theatro 7 de abril (área construída na frente do Theatro, na Praça Coronel Pedro Osório, para apresentações culturais. O Theatro possui edificação de 1834 com remodelações de 1916, atualmente fechado)⁴.

A grande maioria dos espaços analisados são edificações históricas com diferentes níveis de tombamento, estão incluídas nessa lista por seu valor arquitetônico, são edificações em estilo eclético. Para Santos (2014) a arquitetura eclética⁵ em Pelotas é compreendida entre 1870 e 1931 durante seu apogeu econômico, ainda as modificações decorrentes da reorganização da cidade causadas pela industrialização e processo de urbanização possibilitaram a consolidação dessa forma de construir dentro das camadas da elite. De caráter suntuoso essas edificações, desde a presença de vidraças, grandes *halls* de entrada, construções em esquina possibilitando mais de uma fachada elaborada, escadarias em mármore, ostentam o poder econômico de grupos sociais em ascensão. Esta elite que alicerça seu poderio pelo latifúndio e escravização modelam uma elite urbana, em conjunto a grupos que ascenderam como comerciantes e proprietários de pequenas manufaturas, de títulos de nobreza e grande capital financeiro que constroem uma cidade de Pelotas.

Das histórias da suntuosidade de uma arquitetura e da elite a qual se vincula que os discursos dentro desses prédios ocorrem no *Dia do Patrimônio*. Os agentes do *Dia do Patrimônio* (responsáveis por guiar as pessoas durante a visita) são instruídos, na formação

³ Trecho retirado do folder “Pelotas Cultural”.

⁴ Informações retiradas do folder “Pelotas Cultural”.

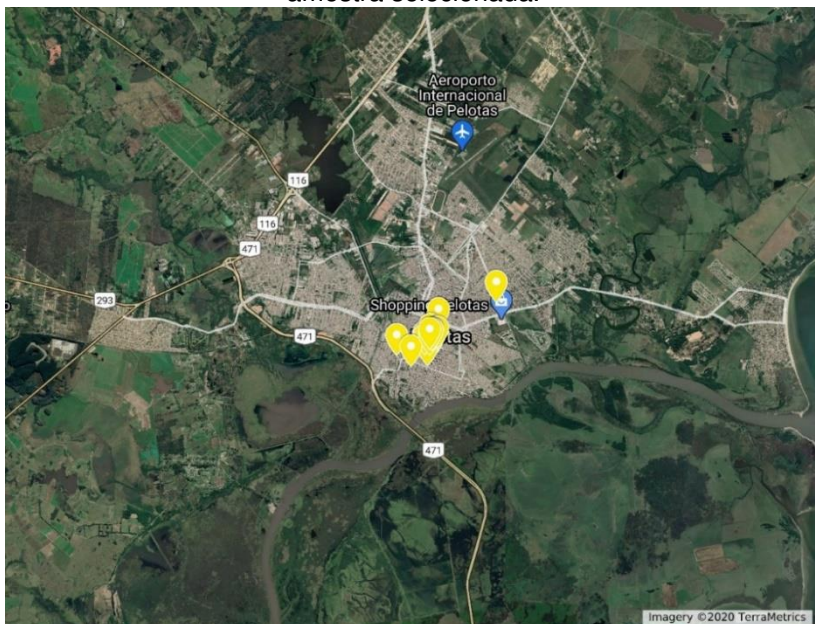
⁵ Ainda podem ser citados os trabalhos de Santos (1997) e Schlee (1994).

oferecida pela Secretaria de Cultura, sobre essa narrativa única da cidade, da importância da riqueza de uma arquitetura apenas no período em que foram construídas, sem valorizar a pluralidade de temporalidades de suas ocupações, narrativas e aspectos simbólicos a elas conferidas por outros grupos, como por exemplo, pessoas que construíram ou trabalham nessas edificações ao longo do tempo. Como pensar a construção de um centro histórico, dos casarões de uma elite ligada a produção saladeril sem considerar a escravização de pessoas negras? Essas pessoas, e tantas outras invisibilizadas, não teriam sua própria versão sobre esses lugares? Não teriam elas outros lugares de devida importância ao falarmos de patrimônio?

Assim, se retomarmos os questionamentos apresentados no início dessa escrita, aqueles pontuados a partir de Bergmann (2019), acerca de quais patrimônios estão sendo atribuídos para representar a cidade, quem protagoniza essas histórias e quem se exclui (temática que exploraremos a seguir), evidenciamos que as narrativas regularmente circunscritas nesse roteiro de visitas demonstram uma narrativa homogênea, relativa a um grupo específico. A única exceção é o Clube Cultural Fica AhíPra Ir Dizendo, que foi fundado em 1954 e trata-se de um clube negro de Pelotas relacionado a história de um dos blocos negros do carnaval da cidade. A edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul-RS, mas embora não apresente características de semelhantes as edificações em estilo eclético. Dos 21 elementos, é o único que conta a história da população negra, demonstram a permanência dos clubes até hoje, apontando para a exclusão dessas comunidades ao longo do tempo.

A presença dos museus é outro fato interessante para pensarmos o processo de construção desses roteiros. Todas as instituições listadas estão situadas em edificações de valor histórico, ou seja, as características arquitetônicas dos prédios também conferem protagonismo e favorecem a inserção destes museus no roteiro. O mapa a seguir demonstra a disposição geográfica desses endereços.

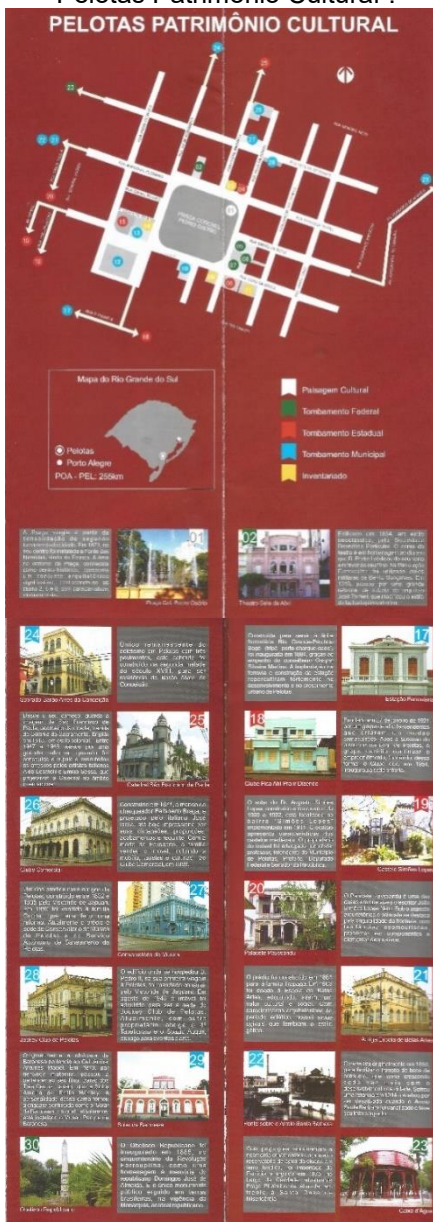
Figura 1 – Mapa da cidade de Pelotas/RS, obtido através da plataforma *Google My Maps*, com a distribuição geográfica da amostra selecionada.



Fonte: Autores, 2021.

O Mapa evidencia o que os materiais turísticos (Figura 2 e 3) da cidade reforçam e divulgam, a seleção do centro histórico da Pelotas como região principal de abrangência deste roteiro de visitação. O único espaço que se distancia deste centro é o Parque Museu da Baronesa, que embora do mesmo período valorizado pela narrativa do evento, em seu período de construção se localiza na região rural da cidade e que com expansão de Pelotas se encontra dentro da malha urbana.

Figura 2 e 3 – Frente e verso do folder, mapa no interior do Folder “Pelotas Patrimônio Cultural”.



Para Alfonso e Rieth (2016) a cidade de Pelotas

é apresentada pelo poder público municipal por meio de uma narrativa marcada pela presença de importantes personalidades e a pujança econômica promovida pela indústria saladeril. Valoriza como temporalidade a época das charqueadas, que se atualiza no presente, por intermédio do tombamento dos casarões do centro histórico de Pelotas e na disputa do processo de patrimonialização dos doces em sua imaterialidade. (2016: 131)

As autoras demonstram como que esta seleção prioriza uma temporalidade muito específica da cidade, ligada a um grupo social, e que é transpassada a partir do físico, do construído, que reforça uma concepção de patrimônio ligada à materialidade, trazendo em seu cerne o reforço da dicotomia materialidade e imaterialidade, enquanto categorias que se opõem e que, raramente, são consideradas em conjunto. Para Alfonso e Rieth (2016: 131) esses elementos representam a cidade de Pelotas como “produtos”, como elementos representativos, destacados nos materiais de divulgação turística, nesse caso no próprio Dia do Patrimônio.

Se uma das principais atividades do evento é a visitação de espaços, como se daria tal empreitada durante o isolamento social? Em 2020, a temática abordada foi “Oralidade e Patrimônio Cultural”, o evento foi marcado pela pouca diversidade de proposições de atividades, inclusive na sua repetição exaustiva das mesmas atividades todos os dias⁶, não houve ações como a produção dos cartões postais, as conversas do “Dia do Patrimônio” e a visitação, as atividades foram desenvolvidas de forma remota e contavam com vídeos e exposições virtuais. Inclusive, uma dessas propostas foi uma visitação em vídeo intitulada “Desafio Conhecendo Pelotas”⁷, que mostra casarões e prédios históricos que foram restaurados na cidade. Essa atividade tem como premissa a valorização do patrimônio edificado e possibilitar a “criação de um sentimento de pertencimento” visando a preservação. Mais uma vez, os elementos em destaque são uma “materialidade inerte”, grupos sociais abastados e perspectivas de “passado, presente e futuro” que não consideram a diversidade de representações e relações com patrimônio.

⁶Programação edição 2020 disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1_K9UGntTGE-9mM_nmprZymcY0HW3Rcky/view

⁷Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LRXgQvWQ-Bo&feature=youtu.be&ab_channel=lvanaPeres

Outros roteiros possíveis: narrativas das margens na exposição Patrimônios Invisibilizados

Ao pensarmos as narrativas oficiais entendemos, a partir de Prats (1997), que são uma versão da identidade e que as “curvas” e diferentes formas de repensar as cidades, inclusive os elementos associados à construção da história oficial, são possíveis e necessárias. Para Alfonso e Rieth (2016) essa cidade, precisa ser entendida e imaginada através de sua heterogeneidade e, sem dúvida, a partir da inclusão de autorrepresentação de quem ali habita.

“Navegando” pela oficialidade do evento, evidenciamos a importância de ações que desconstruam essa história única e colonial, que mostrem caminhos possíveis para ressignificações dos bens selecionados e a valorização de outros elementos como patrimônios locais. Iniciativas que repensem patrimônios e demonstrem o seu uso, pelas comunidades e grupos em processos de exclusão, enquanto ferramenta de luta e legitimação (ALFONSO, RIETH, 2016; SILVA NETO, RIETH, ALFONSO, 2019). Ações voltadas para o que entendemos enquanto “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008) de forma a “aprender para desaprender”, apresentando outros grupos, seus patrimônios e suas formas de habitar Pelotas.

Assim, apresentamos uma ação desenvolvida pelo Projeto Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, vinculado do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas e desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR. O projeto, desde 2016, elabora exposições junto à diferentes grupos, dentro destes casarões e edificações valorizadas, durante o evento Dia do Patrimônio de forma a evidenciar demandas de grupos que são exilados ou apagadas nas fotografias, mapas, roteiros e divulgações turísticas de Pelotas. Os grupos apresentados são parceiros do projeto, que encontram nestas exposições oportunidades de autorrepresentação. Nestas exposições, abordam-se as vivências de “trabalhadoras domésticas, trabalhadoras/es/us da noite, moradores/as/es da comunidade do Passo dos Negros, na periferia da cidade, casas de religião de matrizes africanas, entre outros.” (MARGENS, 2017). É importante frisar que essas atividades surgem do diálogo com as comunidades, da construção coletiva dessas narrativas, das demandas de visibilidade e da importância das concepções plurais sobre o que é o patrimônio e a relação com a cidade. As exposições nascem desses “encontros que constroem pesquisa” (PREVITALI, RODRIGUES, ALFONSO, 2019), que são

diferentes atividades promovidas pelos projetos de pesquisa e extensão⁸, que se articulam pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, surgindo de demandas das próprias comunidades e visando problematizar, repensar e desconstruir as narrativas oficiais pautadas em uma história que exclui pessoas negras, da periferia, mulheres e LGBTQIA+ (ALFONSO, FERREIRA, 2020)

As exposições elaboradas pelo Margens foram: em 2016 “O trabalho doméstico entre o passado e o presente”; em 2017 e 2018 a exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas”, cabe destacar que a expografia da segunda montagem foi totalmente alterada pelos grupos; e, em 2019, “Patrimônios invisibilizados: para além dos casarões, quindins e charqueadas”. Assim, existiram diferentes versões das exposições, onde elementos eram adicionados e modificados enquanto a relação com os grupos e demandas se modificavam e se expandiam. Outros grupos se fizeram presentes nessa forma de contar uma história de Pelotas, eram algumas, das tantas versões possíveis.

Em um ano como 2020, fundado nas incertezas, reinvenções e na apropriação do digital na vida cotidiana, construímos uma nova exposição, que abrangesse os debates das edições anteriores e dessa continuidade às reflexões propostas pelos grupos na exposição no “Dia do Patrimônio” em 2019. A construção da exposição digital foi um desafio, não entraremos nas nuances do processo de discussão e confecção de sua expografia e demais elementos⁹, no entanto, discutiremos a proposição que esta apresenta de novos formatos para pensarmos roteiros turísticos, trajetos, “visitação” e grupos urbanos em/por Pelotas.

A exposição digital intitulada “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”¹⁰ foi construída de forma coletiva entre pesquisadores/as/us e a comunidade a partir das redes sociais e tantas outras formas de comunicação remotas possíveis. Como seu título informa, traz enquanto premissa falar sobre os patrimônios, vivências e narrativas das pessoas que são invisibilizadas, busca contar outras histórias sobre aqueles mesmos

⁸ Lista dos projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas.– Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação; Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas; Mapeando a Noite: O Universo Travesti.

⁹ Sobre o assunto ver mais em ALFONSO, FERREIRA (2020).

¹⁰ Exposição disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>

patrimônios oficiais, e ainda apresenta outras formas de compreender a categoria patrimônio de forma a descentralizar (aqui geograficamente, mas também nas relações de poder e dominação) a construção de um imaginário social sobre a cidade que se articula precisamente com o imaginário turístico a ela atribuído como Bergmann (2019) apresenta.

A exposição digital contou com seis abas temáticas, os módulos expositivos, além de uma página inicial apresentando as discussões e o de onde surge a proposta e uma ficha técnica/apresentação das pessoas participaram desse processo de “montagem” da exposição. Esse “percurso” virtual se inicia com uma discussão do que seria o Patrimônio e como entendemos essa categoria a partir de pessoas que tem “suas histórias, suas lutas, suas coisas” (MARGENS, 2020a) não contadas em outros espaços. Ainda, nesse primeiro módulo fazemos um breve histórico sobre o próprio evento “Dia do Patrimônio”, seus cartões-postais e fazendo um convite para a produção de cartões que mostrem as referências culturais de “outra Pelotas”.

Seguem-se então os seguintes módulos: “Além da Noite” trazendo pessoas LGBTQIA+ e suas vivências enquanto protagonista de uma cidade que as acolhe em dados momentos e as violenta em tantos outros; em “Além da Baronesa” as trabalhadoras femininas apresentam seus patrimônios, suas formas de se relacionar com a cidade e sua invisibilidade frente a trabalhos que são desconsiderados; no módulo Além das Charqueadas apresentamos, a partir das falas e narrativas de seus moradores/as/us, as periferias da cidade, em especial o Passo dos Negros, tensionando o “esquecimento” de outras temporalidade e espacialidades de vital importância para a história da região, mas também nas relações que essas pessoas constroem com a cidade e os diferentes processos de exclusão presentes; ao falarmos das religiões de matriz africana apresentamos em “Além da Materialidade” múltiplas dinâmicas de se relacionar com o sagrado na cidade e durante a pandemia; no último módulo “Além da Imaginação” propomos um conteúdo voltado para o público mais jovem, com histórias infantis (em formato escrito e de vídeo contação) sobre assuntos abordados nos outros módulos como o Passo dos Negros, pessoas LGBTQIA+ e as Casas de Religião de Matriz Africana em Pelotas, ainda há um caderno de atividades que conta com as histórias e alguns “passatempos” para crianças e adolescentes realizarem. Neste ano, mesmo em formato digital, tivemos expressiva participação e visitação, nos anos anteriores o número de visitas eram obtidas pela contagem de assinaturas no

livro de visitas do Museu Histórico da Bibliotheca Pública, esse ano, no entanto, medimos as mais 8 mil visitas¹¹ (mais que o triplo das edições presenciais) pelos acessos no site da exposição. O formato digital, nos possibilitou alcançar diferentes públicos e em números antes não possíveis.

Neste texto trataremos alguns elementos específicos desta exposição. Começamos pelo “Tour Virtual no Passo dos Negros”, que apresenta a região dos Passo dos Negros, situada às margens do canal São Gonçalo. Esse tour, a partir de ferramentas de biblioteca de mapas 3D do Google, consiste em “uma caminhada” na região mostrando as referências importantes para as pessoas que lá vivem. Essa parte da exposição surge de demandas da comunidade¹² por visibilidade, que apresentando seus elementos e suas pessoas habitam um espaço considerado inclusive um vazio demográfico, constroem uma ferramenta de luta frente a especulação imobiliária e processo de gentrificação¹³. A região foi lugar do primeiro porto da cidade de Pelotas, importante local de trocas comerciais e em diferentes momentos da história da cidade desde a produção saladeril a ciclo do arroz. Ali, está o Engenho Coronel Pedro Osório, maior engenho de beneficiamento de arroz da América Latina durante o seu período de funcionamento entre 1922 e 1994 (SILVEIRA, 2020). Tanto o Engenho e suas estruturas adjacentes (antigas vilas, escola entre outros), como as charqueadas, o caminho das tropas¹⁴, a ponte dos dois arcos, as figueiras centenárias, o Osório Futebol Clube¹⁵, a Leitaria¹⁶ e Peixaria que ali se localizavam, apresentam múltiplas temporalidades de um espaço. Estes elementos dialogam, se sobrepõem e dão sentido às vivências das pessoas que ali habitam. Ali, vemos diferentes seleções de patrimônio feitas pela comunidade que mostram uma cidade diversa, fundada na heterogeneidade. O

¹¹ MARGENS, 2020.

¹² [...] a ideia do projeto foi de criar um roteiro virtual para a própria comunidade do Passo dos Negros e atender um pedido deles, através de elementos que a comunidade se identifique. Elementos esses que foram apontados pelos próprios moradores. As diferentes narrativas guiaram o processo de construção do tour - pontos referenciais e histórico desses marcos do Passo dos Negros, onde a construção do conceito de Patrimônio foi feita em conjunto com a comunidade. (SILVEIRA, 2020 apud MARGENS, 2020a)

¹³ Mais informações ver Mathias (2020), Silveira (2020) e Silveira, Alfonso e Cruz (2020).

¹⁴ Mais informações ver Lima (2020).

¹⁵ Time de futebol fundado por trabalhadores do Engenho Coronel Pedro Osório em 1933, conforme Silveira (2020).

¹⁶ Mais informações sobre a leitaria em Dode (2019).

roteiro também é apresentado pela comunidade a partir de seus áudios, nos quais contam para visitantes como é habitar Passo, como carinhosamente chamam a localidade.

Cabe pensar que os elementos elencados por aquela comunidade, muitos relacionados ao patrimônio industrial da cidade e suas influências nas vidas das pessoas, são poucas vezes mencionados quando não referentes a tradição doceira. O tour contou com sete cenas (Cena 1: Osório Futebol Clube; Cena 2: Figueira centenária; Cena 3: Ponte dos Dois Arcos; Cena 4: Engenho Osório; Cena 5: Leitaria; Cena 6: Charqueada; Cena 7: Pescadores) e, além dos áudios de pessoas que ali viveram, contou com *cards* informativos sobre as cenas, os lugares e com montagens fotográficas.

A cena 2 do tour, “Figueira Centenária”, apresenta esse importante elemento na paisagem do Passo que auxilia no deslocamento pela região, já que serve de ponto de referência. Nos áudios, constituintes da cena, moradores/as/us dizem o seguinte

Uso muito a figueira pra fazer serviço pra saúde, serviço para movimentar as pessoas, eu uso a figueira muito pra isso, ai depende agora, mesmo eu tenho um serviço que eu tenho que despachar numa figueira, ai depois eu vou lá. (MARGENS, 2020a)

A figueira tinha uma lenda de uma noiva, as pessoas acho que iam na venda, tinha um barzinho aqui do seu João Dias, trabalhavam sábado muito tarde na roça eles demoravam muito, a noiva vai pegar vocês, então o nego se recolhia pra dentro de casa (...). (MARGENS, 2020a)

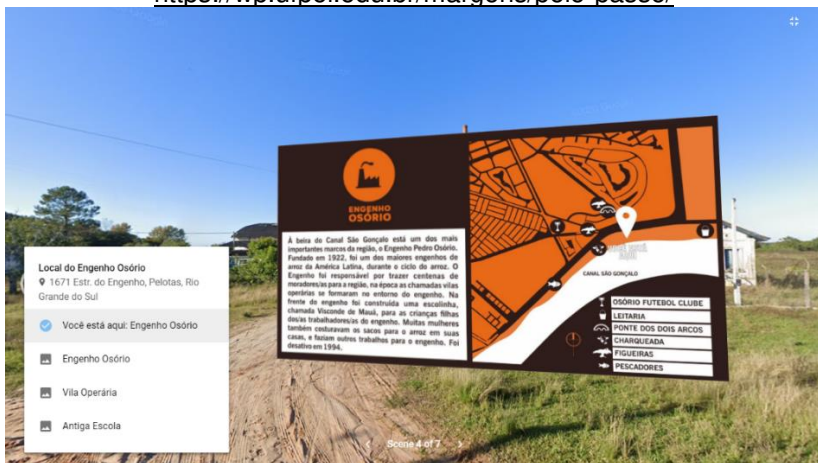
Essas figueiras, distribuídas pela região também são lugares de importância para as religiões de matriz africana, onde a comunidade se reúne para tomar um chimarrão e até sediar casamentos. Ainda, contam a história de uma noiva, deixada no altar que após enforcar-se, habita esse local “assombrando” quem por ali passa, inclusive modificando as rotas e trajetos de transeuntes que não querem se “aventurar” a encontrar a noiva (MARGENS, 2020a).

Essa cena, seus elementos são ímpares para pensarmos o que significa o patrimônio para diferentes grupos, já que as figueiras não contam uma história de glórias como os muitos casarões, entretanto suas histórias e “causos” são tecidas na tessitura da vida cotidiana da comunidade. Nas imagens a seguir temos outra dessas cenas do tour, Cena 4: Engenho Osório.

Figura 4 – Cena 4 “Tour Virtual Passo dos Negros”, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/pelo-passo/>



Figura 5 – Cena 4 “Tour Virtual Passo dos Negros” com cards informativos, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/pelo-passo/>



Já no módulo “Além da Materialidade”, diferentemente do tour virtual pelo Passo dos Negros a proposta foi, ao tratarmos das casas de religiões de matrizes africanas, demonstrar a importância de diferentes pontos da cidade e algumas concepções sobre estes a partir destas religiões. Também apresentar trajetos feitos pelas casas

em suas relações com a cidade, em especial considerando o “passeio” que é um roteiro realizado pelo batuque, que de acordo com Freitas “demonstra o percorrer e a construção de locais simbólicos dentro de um espaço urbano. O caminhar (passear) pelo mercado, praia, Igreja, cruzeiros, matas, cachoeiras fazem parte da oferta espiritual e ritualística destas religiões” (2019: 7). Para as casas, muitos dos patrimônios ditos como oficiais são também sagrados e trazem consigo significados diferentes, desde as igrejas, cemitérios e outros espaços (MARGENS, 2020a). Assim, a partir de um processo de mapeamento das casas¹⁷, foram construídas representações cartográficas sobre os trajetos dessas religiões pela cidade (Figura 8). Esses trajetos, aqui pensados pelo “passeio”, se diferem daqueles roteiros turísticos oficiais, que se fundam na dicotomia entre materialidade e imaterialidade. Caminhos estes, pela cidade, que são imersos em ontologias diferentes, em perspectivas e formas de “ver o mundo” longe de categorias cartesianas, trazendo a importância das “camadas simbólicas da materialidade” (ALFONSO, SILVEIRA, 2020).

Ao falarmos de tais religiões, nesse caso grande importância e presença em Pelotas, também estamos nos deparando com o racismo religioso e discriminação a elas direcionadas. Essas constroem a cidade cotidianamente se movimentando, ressignificando e demonstrando novas formas de entendermos uma cidade que se apresenta enquanto “branca, aristocrática e cristã”. Nos trajetos, fluxos e linhas que são apresentados pelas religiões há a presença de uma cidade mais plural, que compreende diferentes localidades, temporalidades, espacialidades e pessoas mesmo naqueles patrimônios oficiais, pois estes são repensados e rescritos perante outras relações. Cabe ressaltar que os trajetos dessas casas se diferem entre si, que dentro desse grupo “religiões de matrizes

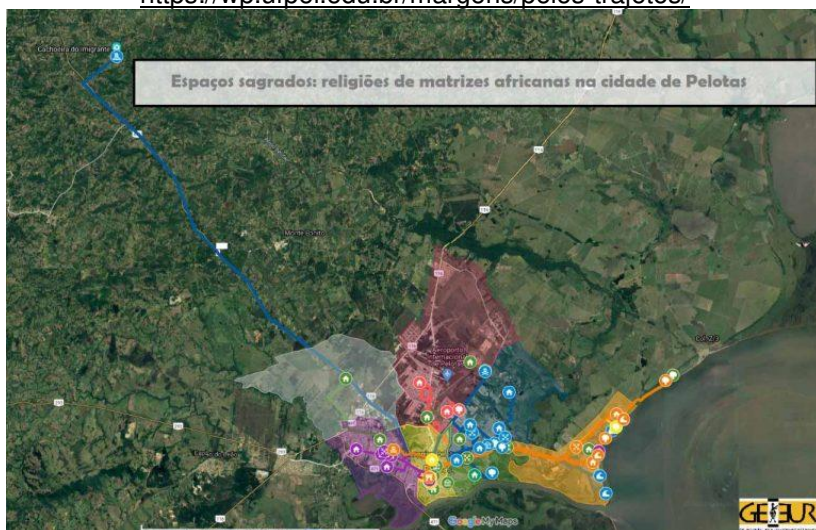
¹⁷ Após apatrimonialização do conjunto histórico e da região doceira, o IPHAN solicitou que a equipe do projeto se envolvesse nas ações de salvaguarda da região doceira com a realização de um mapeamento dos terreiros/as da cidade de Pelotas. A princípio, a proposta era fazer um estudo da localização desses terreiros/as. Cabe destacar que Pelotas possui mais de duas mil casas de religiões de matriz africana, porém estas não são mapeadas. A equipe aceitou o desafio do mapeamento, porém, a partir de uma perspectiva diferente, pautada na antropologia, visando entender a relação das casas com a cidade, como estas se movimentam de forma social, geográfica e culturalmente, pois como diria Michel Agier (2015), “a cidade é feita essencialmente de movimento”. Por meio das suas práticas religiosas e simbólicas, do mesmo modo, pretendemos com o mapeamento dar visibilidade às lutas das lideranças e às religiões e mostrar a diversidade destas religiões na região de Pelotas.” (CASTRO *et al.*, 2019: 163)

africanas” há uma diversidade de significados e formas de entender a cidade (FREITAS, 2019).

O Mercado Central, é um desses exemplos, o “mesmo” mercado que aparece constantemente na programação do “Dia do Patrimônio” é vivenciado de diferentes formas por grupos diversos. Ele é palco da Parada da Diversidade e de outras Manifestações, é sede da Sexta *Black* (GARCIA, 2018), é lugar sagrado para as religiões de matrizes africanas (FREITAS, 2019), lugar de trabalho para tanta gente, como das trabalhadoras sexuais (COSTA, 2020). É lugar de constantes disputas, de conflitos, de relações e de negociação, lutas contra os processos higienização que afastam a população das periferias do local, em detrimento de turistas.

Abaixo encontra-se um dos Mapas destes trajetos do “povo de santo” pela cidade:

Figura 6 –: Mapa trajetos do “povo de santo”, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/pelos-trajetos/>



Trajetos estes muito mais abrangentes e plurais que aqueles apresentados pelo evento e material turístico. Nos mostram uma outra Pelotas, mesmo abrangendo alguns locais valorizados naqueles roteiros oficiais.

Por fim, apresentamos reflexões a partir do módulo Além da

Noite¹⁸. Se a maioria dos patrimônios oficiais da cidade representam homens, brancos, ricos, cisgêneros e heterossexuais, como pessoas LGBTQIA+ estão presentes na Princesa do Sul¹⁹? Ao discutirmos a construção do imaginário turístico da cidade, é interessante falarmos sobre o imaginário construído sobre a “cidade de viados”.

Tal narrativa se liga ao apogeu econômico da cidade, surgindo do processo de retorno de filhos de pessoas mais abastadas da Europa, que de lá traziam costumes diferentes, formas de agir e de se vestir, assim surge a história de cidade de “viados” (MARGENS, 2020a). Nos deparamos com a invisibilização de pessoas LGBTQIA+, já que compreendemos que Pelotas não é só lugar de homens gays, mas de mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, transexuais, travestis e *drag queens*, no patrimônio oficial da cidade. Nesse módulo trazemos as vivências de pessoas LGBTQIA+, através de sua diversidade, na cidade, nesses mesmos casarões, praças e por entre tantos outros espaços.

A narrativa turística relacionada a pessoas LGBTQIA+ é quase ausente (há um único texto na Revista do Dia do Patrimônio edição de 2019 que debate a temática) na cidade e durante o “Dia do Patrimônio”, apesar de uma expressiva representação, desde os diferentes coletivos, conselhos e ativistas, em outros âmbitos. Pelotas, inclusive, regionalmente por ser a maior cidade da zona sul do estado, aglutina entre festas, festivais e demais atrativos pessoas LGBTQIA+ provenientes das cidades em seu entorno. Inclusive, com a presença do “expresso Priscila” fazendo conexão com a cidade de Rio Grande em trajeto de festas e sociabilidades²⁰.

Essa vivência LGBTQIA+ na cidade é marcada pela violência, discriminação e cerceamento conforme as narrativas dessas comunidades nos módulos da exposição. Bordagorry, Duarte e Alfonso (2019) propõem questionar essa alcunha de “cidade de viado” evidenciando, a partir de uma abordagem qualitativa, os processos de violência sofridos por diversas pessoas, inclusive, demonstrando que os mesmos locais (bares, casas de show, praças) se alternam de “seguros” a “inseguros” a depender das vivências individuais. As comunidades LGBTQIA+ nos ajudam a compreender que nem todos os grupos têm o direito de circular, visitar e conhecer. Como exemplo ressaltamos que este mesmo centro histórico divulgado e valorizado para visitação turística é aquele que não pertence, por exemplo, às

¹⁸ <https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-noite/>

¹⁹ RAMALHO, 2014.

²⁰ MARGENS, 2020b.

pessoas trans e travestis. Muitas relatam apenas porem circular pelo centro da cidade a noite pois durante o dia sofrem agressões constantes. Siqueira, Zanini e Bidigaray (2021) evidencia as estratégias de mulheres que se relacionam com mulheres para poderem circular com segurança pela cidade de Pelotas. Como então pensar turismo e visitação em uma cidade que cerceia a circulação de pessoas? Pelotas deve ser vivenciada apenas por visitantes de fora? Não é neste Turismo que acreditamos.

Algumas considerações

A pandemia de COVID-19 nos permitiu identificar uma gama de elementos importantes no evento “Dia do Patrimônio”, fazendo deste um estudo de caso interessante para pensarmos essa relação patrimônio e turismo. No momento que este evento passa a ser digital em 2020, permite experimentar de forma criativa novos tipos de roteiros e trajetos de visitação, favorece que os próprios grupos construam os seus roteiros e selecionem suas referências culturais. Ainda, possibilita uma ampliação de temporalidade das representações, da geografia do evento, tornando este evento mais abrangente e plural. Estes outros roteiros podem proporcionar a participação e valorização de narrativas de grupos que constroem a cidade nos seus cotidianos, em suas formas de habitar, de se movimentar, mas que, constantemente, são desconsiderados e invisibilizados na narrativa oficial que tece a imagem turística de Pelotas. É com este objetivo que temos nos esforçado para montar as exposições anuais neste evento, para buscar a regularidade dos debates e da representação destes grupos nas narrativas locais sobre patrimônio.

Esse estudo de caso, também contribui para mostramos as possibilidades de um turismo pensado a partir de um outro conceito, um conceito que considera o turismo local, favorece a visitação *da e na* periferia, as trocas de saberes, de fazeres entre grupos das margens, permitindo a valorização das vivências, referências e narrativas locais pelos/as/us próprios moradores/as/us da cidade. Muito se diz sobre o turismo permitir “o conhecer para respeitar”, não seria então o turismo local uma ferramenta para o conhecer, favorecendo políticas públicas de cultura, lazer, educação que considerem e respeitem as formas de habitar as margens? Pois, em diferentes oportunidades, ouvimos em nossas conversas com esses grupos pessoas alegando não conhecerem a periferia, grupos de periferia não conhecerem as outras periferias “nem sabíamos que

isso existia, parece com o que enfrentamos na Dunas” (MARGENS, 2020c). Essas trocas seriam de extrema relevância.

O evento do “Dia do Patrimônio” tem o potencial para propiciar essa troca, abre a oportunidade de autorrepresentação de grupos a partir das atividades propostas pela sociedade em geral. Contudo que desloque o foco para as margens temporais, espaciais e simbólicas, considerando outras localidades da cidade, outras temporalidades que favoreçam abranger os bens industriais, pessoas trabalhadoras diversas, trajetos e concepções de outros grupos que tornariam os roteiros da cidade não apenas mais inclusivos, mas também mais diversos, interessantes e responsáveis socialmente. Essa é a relação entre turismo e patrimônio que queremos e reconhecemos, preocupado com o seu papel social e favorecendo a criação de diferentes laços de solidariedade (BUTLER, 2020) em um contexto de individualidade e incertezas como o que estamos vivenciando.

Referências

AGIER, Michel. DO DIREITO À CIDADE AO FAZER-CIDADE. O ANTROPÓLOGO, A MARGEM E O CENTRO. Mana, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, Dec. 2015. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000300483&lng=en&nrm=iso. Acessado em: jan. 2021.

ALFONSO, Louise Prado. **Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Carmen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios** - 1ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 131-147.

ALFONSO, Louise Prado; FERREIRA, Martha Rodrigues. Exposição patrimônios invisibilizados: uma experiência coletiva de extensão na pandemia. In: MICHELON, Francisca Ferreira; Bandeira, Ana da Rosa; LIMA, Paula Garcia; ZIMMERMANN, Leticia Silva Dutra. **Conexões para um tempo suspenso**: extensão universitária na pandemia - Pelotas: Ed. UFPel, 2020, p. 538-562.

ALFONSO, Louise Prado; SILVEIRA, Melina Monks da. Oficina Camadas simbólicas da materialidade: religiões de matriz africana e suas formas de habitar. In: I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas, 2020, Pelotas. **Cadernos de Resumo do I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas**. Rio Grande: ARCHE - Revista Discente de

Arqueologia, 2020. p. 46-48. Disponível em: <https://arche.furg.br/anais-de-eventos/11-caderno-de-resumos-do-i-epai> . Acesso em: jan. 2021.

BERGMANN, Leopoldine Radtke. **Imagens e narrativas de Pelotas**: Uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) –Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

BORDAGORRY, Gabriele Roldan; DUARTE, Renata; ALFONSO, Louise Prado. LUGARES LGBTQI+ EM PELOTAS: PORTOS SEGUROS OU ARMADILHAS. In: **Anais do XXVIII Congresso de Iniciação Científica da 5ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão UFPel**. Pelotas: UFPel, 2019.

BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism**: The Rise of Antidemocratic Politics in the West. New York: Columbia University Press, 2019.

BUTLER, Judith. **The force of nonviolence**. New York: Penguin Random House, 2020.

CHANEY, Edward. **The Evolution of the Grand Tour**: Anglo-Italian Cultural Relations since the Renaissance. London: Routledge 2000.

CASTRO, Camila Machado Ramos de; DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. ENTENDENDO A CIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS E SINGULARIDADES DOS/AS TERREIROS/AS. In: **Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura da 5ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão UFPel**. Pelotas: UFPel, 2019. p. 163-166.

COSTA, Vanessa Avila. **As manifestações das paisagens ocultadas**: arqueologia da Pelotas de trabalhadoras sexuais. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

DODE, Marcela dos Santos. **Outras temporalidades do Passo dos Negros**: a leitaria na visão da arqueologia da paisagem. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

FREITAS, Paulo Roberto Brum de. **Fluxo de axé em uma Pelotas sacralizada**: etnografia da grande festa pelos passeios pela cidade. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

GARCIA, Tanize Machado. **Mercado público de Pelotas no país das maravilhas**: uma etnografia sobre a pluralidade narrativa de um patrimônio em disputa. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. São Paulo: Autêntica, 2013.

LIMA, Daniel Vaz. **Pelos (des)caminhos de gentes, bichos e coisas**: uma

etnografia a pé na pampa brasileira. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

MARGENS. **Margens:** diferentes formas de habitar Pelotas, 2017.

MARGENS. **Relatório final da exposição Patrimônios Invisibilizados:** Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020a.

MARGENS. **Relatório final do curso de extensão Reflexões sobre comunidade LGBTQIA+:** diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano, 2020b.

MARGENS. **Relatório final do evento Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar,** 2020c.

MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros:** entre narrativas, etnografias e conflitos – Pelotas/RS. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 2008. Disponível em: www.javeriana.edu.co/pensar/Rev34.html. Acesso em: jan.2021.

POULOT, Dominique. Les origines d'un modèle touristique: les médiations du Grand Tour hier et aujourd'hui. **Ethnologies**, v. 8, n.1-2, p. 47-59, 2016.

PREVITALI, Wagner Ferreira; FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Encontros que constroem pesquisa. **Áltera Revista de Antropologia**, v.2, p. 274-290, 2019.

RAMALHO, Sabrina Rieckel. O doce mito da princesa do sul. In: **Anais Eletrônicos #lestrasnomundo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO. **Territórios daqui:** identidades e pertencimento. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas/Secretaria de Cultura, ago. 2017.

REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO. **Pelotas imaterial:** saberes, fazeres e oficinas. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas/Secretaria de Cultura, ago. 2018.

REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO. **Etno Cidade Pelotas.** Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas/Secretaria de Cultura, ago. 2019.

RICHARDS, Greg. Tourism development trajectories- From culture to creativity?. *Encontros Científicos, Faro*, n. 6, p. 9-15, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-24082010000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: out. 2020.

RICHARDS, Greg. The challenge of creative tourism. **Ethnologies**, v. 38, n. 1-2, p. 31–45, 2016.

RICHARDS, Greg. Interview with Professor Greg Richards, co-inventor of the creative tourism concept. Disponível em:

- <http://www.creativetourismnetwork.org/interview-with-professor-greg-richards-co-inventor-of-the-creative-tourism-concept/> . Acesso em: jan. 2021.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelho, máscaras e vitrines**: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas em Pelotas, 1870-1930. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas – 1870-1931**. Pelotas: Editora Universitária, 2014.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- SILVA, Glaubécia Teixeira da. **Roteiro turístico**. Manaus: Centro de Educação Tecnologia do Amazonas, 2010.
- SILVA NETO, Francisco Luiz Pereira; RIETH, Flavia; ALFONSO, Louise Prado Alfonso. Pelotas-RS pelas suas margens: a patrimonialização como expressão das múltiplas formas de habitar a cidade. **Barbarói**(UNISC. ONLINE), v. 54, p. 63-75, 2019.
- SILVEIRA, Melina Monks da. **Territorialidades em disputa**: normativas e narrativas do Passo dos Negros em Pelotas, RS. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- SILVEIRA, Melina Monks da; ALFONSO, Louise Prado; CRUZ, Larissa Osterberg da. Cidade em disputa: narrativas do Passo dos Negros em Pelotas, RS. **Revista Iluminuras**, v. 21, p. 444-449, 2020.
- SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; ZANINI, Lauren Guerra; BIDIGARAY, Luana Costa. O distanciamento social não é novidade para todes: reflexões sobre ser mulher e se relacionar com mulheres em espaços urbanos. In: **Anais do VII Simpósio Internacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas**: Saúde, Corpos e Poder na América Latina, 2021. No Prelo,
- TOWNER, John. The grand tour: A key phase in the history of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 12, n. 3, p. 297–333, 1985.
- PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Ariel, 1997.